

**A representação do liberto no contexto do Principado romano a partir do  
*Satyricon*: uma análise dos aspectos sociais e econômicos**

**CÉSAR ROBERTO MELO SILVA\***

Realizar um estudo sobre os libertos no contexto da Antiguidade romana pode parecer redundância mediante as inúmeras pesquisas realizadas neste campo. Porém, ao analisar parte destes estudos verificamos que o campo, apesar de bem explorado, não manifesta esgotamento para análises futuras, pelo contrário, pudemos aferir que nesta seara de conhecimento há controvérsias, ou seja, que o debate está em aberto para novas interpretações da representação dos libertos neste dado contexto. Discutir sobre assuntos desta ordem promove uma diversificação das análises sobre os estudos clássicos, que até o início do século XX objetivam, orientados a partir de uma ideia de história e de documento pouco problematizada, atender a interesses políticos dominantes, e, assim, contribuíram para a manutenção do *status quo* de diversas nações. Com o redirecionamento dos estudos históricos a partir das primeiras décadas do século passado, na qual temos como exemplos notórios, as escolas dos *Annales* e de Frankfurt, a Nova História, a micro História, enfim, diversos modelos historiográficos que buscaram evidenciar novos sujeitos históricos novos objetos, novos problemas e novas abordagens<sup>1</sup>. Diante deste cenário, os estudos sobre grupos até então marginalizados historiograficamente como as mulheres, os negros, os pobres, entre outros adquirem pertinência perante os meios acadêmicos, principalmente a partir da segunda metade do século passado. Os movimentos intelectuais no bojo da História Cultural e dos estudos culturais permitiram a esses grupos não só tornarem as suas histórias como objeto de estudo, mas, também, a escreverem a sua própria história. Cabe ressaltar que nosso país, até recentemente, pensando do ponto de vista histórico, era escravocrata, e que ainda destaca nítidos reflexos, em sua sociedade, deste processo, tais como: a desigualdade social; uma população negra e mestiça, marginalizada social e economicamente. Todavia, refletir sobre os libertos mesmo que em um passado remoto, como a Antiguidade, passa por uma reflexão de

---

\* Universidade Federal de São Paulo – Aluno de Pós-graduação: mestrado em História

<sup>1</sup>LE GOFF, J. (ed.), *La nouvelle histoire*, Paris, 1978; J. Le Goff, P. Nora (ed.), *Faire de l'histoire*, Paris, 1974, 3v.

nossa própria história. Contudo, no Brasil, podemos encontrar um número razoável de estudos - muitos destes serão referenciados ao longo desta apresentação - sobre a questão da escravidão Antiga e seus reflexos; contribuir para o fortalecimento destes estudos é um dos objetivos que pretendemos alcançar com um trabalho que vem sendo realizado a título de dissertação de mestrado<sup>2</sup>, o qual pretendemos neste texto expor suas diretrizes e objetivos.

Debruçar sobre um dos aspectos que esse tema envolve, os libertos, em um contexto específico, o Principado romano, é o objetivo da nossa pesquisa. A escolha deste período se justifica, principalmente, por pelo menos dois motivos: o conhecido acúmulo de poder, prestígio e riquezas dos libertos deste período – “[...] *a ponto de competirem com a nobreza senatorial [...]*”, (GUARINELLO, 2006: 238) – descrito por diferentes fontes; e pela própria disponibilidade das mesmas, destacando-se dentre estas o *Satyricon*, particularmente pela descrição satírica, ao longo de um jantar, a *cena trimalchionis*, dos modos e da vida de um riquíssimo liberto, Trimalchio. Posto que buscamos entender as dinâmicas socioeconômicas dos libertos daquele período a obra *Satyricon* passa a ser o objeto principal de análise neste projeto, uma vez que aborda elementos tidos como reveladores sobre grupos “subalternos” da sociedade romana: os pobres, os escravos e os libertos e as relações dentre eles. Entretanto, cabe destacar, preliminarmente, informações pertinentes ao contexto estudado, para uma melhor apreensão do objeto de estudo.

O Principado romano durou até a segunda metade do século III, porém, o que nos interessa, enquanto recorte temporal para nossas análises estabelece-se do início do Principado (27 a. C.) até o fim da dinastia Júlio-Cláudia (68 d. C.)<sup>3</sup>, visto que nesse período nos reserva uma gama considerável fontes primárias<sup>4</sup> (algo pouco comum quando tratamos de

---

<sup>2</sup>Projeto em desenvolvimento na Universidade Federal de São Paulo no departamento de Pós-Graduação em História, sob a orientação do Prof. Dr. Glaydson José da Silva.

<sup>3</sup>No entanto, observamos que essa periodização é posta devido ao fato de ser contemporânea à elaboração da obra *Satyricon* e dos seus desdobramentos internos inerentes à ficção, contudo caso necessário iremos avançar, ou, retroceder no tempo contanto que seja plausível para as elucidações de nossas problemáticas.

<sup>4</sup>Exemplos dessas fontes são: obras de Cornélio Tácito, como os *Anais*; *O livro de Catulo*, do poeta Caio Valério Catulo. Também há diversas peças arqueológicas, como relevos em lápides e tumbas que retratavam o cotidiano de seus mortos. Um exemplo deste caso é a tumba do liberto, Cornélio Atimeto, datada do século I presente no Museu do Vaticano. Para maiores detalhes desta fonte ver: VEYNE, Paul. “O Império Romano”.

toda Antiguidade<sup>5</sup>), em especial o *Satyricon*<sup>6</sup>, outorgada comumente a *Petronius Arbiter*<sup>7</sup>. A partir deste documento podemos desprender perguntas e hipóteses pertinentes ao nosso objetivo, que possam nos ajudar a compreender aquele momento, em especial sobre o nosso objeto de estudo que são os libertos. Além das fontes primárias este período nos oferece diversos estudos elaborados por várias áreas do conhecimento, tais como, a Arqueologia, a Antropologia, a Literatura, dentre outras, o que vem a corroborar com nossas análises.

No que tange diretamente a nosso campo de estudo, que é a História, temos diversos exemplos de trabalhos voltados para a pesquisa dos libertos e sua importância na Antiguidade. Moses Finley, no prefácio de sua obra, *A Economia Antiga*, (1980:10), ao abordar a relação entre senhores e escravos, enfatiza: “*Não subestimo a importância da escravidão antiga: neste caso, o capítulo mais extenso do livro não se intitularia <<Amos e Escravos>>*”. Ele ainda dedicou boa parte de sua produção acadêmica à escravidão antiga, culminando no livro

---

In. \_\_\_\_\_ (org.) *História da Vida Privada. I. Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 63-64.

<sup>5</sup>Moses Finley em sua obra de maior destaque, *A economia Antiga*, páginas 26 e 27 destaca a dificuldade de trabalhar com fontes primárias referentes à Antiguidade, visto a sua escassez. O historiador também aborda o assunto em seu livro, *História Antiga: testemunhos e modelos*. Nesta obra no capítulo III – Os Documentos - podemos encontrar críticas que Finley faz a respeito do uso estatístico para o mundo antigo. Para o autor, os números são geralmente utilizados para dar um caráter de cientificidade ao método, porém inútil ao mundo antigo devido à carência de fontes primárias. p. 37-62. Suas críticas às fontes da Antiguidade refletiram diretamente na arqueologia, que, apesar de ele não a negligenciar por completo, atribuiu-lhe um valor menor a esta em comparação as fontes escritas, considerações a esse respeito podem ser vistas em seu livro, *Usos e Abusos da História*. Cabe observar que houve manifestações contrárias a tais pensamentos, destacando a importância arqueologia nos estudos de história Antiga, a esse respeito ver: CANFORA. L. “*Antiquisants et marxisme*”. *Dialogues d'histoire ancienne*, Vol. 7, 1981. pp. 429-436. Outros estudos interessantes sobre o assunto são: GUARINELLO, N. L.. *A Economia Antiga e A Arqueologia Rural*. Clássica, São Paulo, v. 7/8, p. 271-283, 1995; e: FUNARI, P. P. A. *Linguística e Arqueologia*. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), São Paulo, v. 15, n.1, p. 161-176, 1999.

<sup>6</sup>Existem várias traduções desta obra realizadas em diversos lugares do mundo e diferentes contextos históricos. Optamos em utilizar a tradução francesa de Alfred Ernout publicada pela editora *Les Belle Lettres* que sustenta perante estudiosos do assunto um excelente prestígio, visto que apresenta uma das melhores traduções do latim para a língua francesa. Tal obra também apresenta o texto em latim, e suas passagens, quando utilizadas, serão feitas por meio de citações no trabalho, porém, destacaremos em nota de rodapé a tradução das citações em francês.

<sup>7</sup>A autoria da obra ainda é objeto de discussão, cabe ressaltar que os textos deste livro não foram encontrados na íntegra. Uma abordagem sobre este assunto pode ser vista em: FAVERSANI, Fábio. *A pobreza no Satyricon, de Petronio*. Ouro Preto, Editora UFOP, 1998. p. 16-24. Outro estudo relevante é o realizado por Cláudio Aquati no posfácio da obra: PETRÔNIO. *Satyricon*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. [traduzido por Cláudio Aquati]. p. 223-245.

*Escravidão antiga e ideologia moderna.* O tema em questão foi, e ainda é, objeto de estudo de diversos historiadores<sup>8</sup>, o que demonstra o interesse e a vivacidade neste campo.

A figura dos libertos, ou seja, daqueles que receberam de seu amo ou do estado a sua alforria no período do Principado romano; ocupa um lugar peculiar dentro da estrutura social romana. Os libertos não eram nem escravos - visto a concessão da sua liberdade amparada por questões jurídicas - muito menos homens livres, do ponto de vista das limitações que experimentavam, muitas delas impostas por imperativos legais<sup>9</sup>. Esta situação ambígua é discutida por Paul Veyne:

*Encontramos em toda parte o que constitui o tormento dos libertos, sua incerteza quanto ao lugar que realmente ocupam na sociedade; a escala das condições sociais não se confundia com a hierarquia dos estatutos, e os libertos se situam nesse desajuste. Sofrem a falta de legitimação. (1992: 94).*

O estatuto de liberto era obtido geralmente a partir de algumas situações, o autor aponta para três possíveis casos que seriam mais recorrentes para justificar a concessão de liberdade a um escravo: quando escravo estava a prestes a morrer; alforria concedida pelo senhor em seu leito de morte, demonstrando assim a sua generosidade para com seus servos; e por fim, “[...] a libertação muitas vezes constitui um arranjo financeiro; o senhor negocia por intermédio de um escravo com o qual partilha os lucros e concorda em vender-lhe a liberdade [...]” (VEYNE, 1992: 95)<sup>10</sup>. Esta última nos interessa pelo fato de demonstrar que a possibilidade de um escravo vir a ter a sua liberdade não está condicionada apenas a um

<sup>8</sup>Para outro estudo referencial sobre o assunto ver: ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. Trad. Telma Costa. Ed. 3ª. Porto: Afrontamento, 1989. p 17-30.

<sup>9</sup>No *Digesto* de Justiniano observa-se: Homo líber, qui se vendidit, manumissus non ad suum statum revertitur, quo se abdicavit, sed efficitur libertinae condicionis (D.1.5.21). Traduzido como: O homem livre que se vendeu, uma vez manumitido não é revertido ao seu status do qual se abdicara, mas se torna da condição de liberto. DIGESTO DE JUSTINIANO, *Liber Primus*: Introdução ao Direito Romano, 3ª ed, Edição bilíngue: Latim-Português. Tradução: Hécio M. F. Madeira. Editora Revista dos Tribunais, Osasco SP, 2005. p. 63. Outras leis criadas no início do século I como a *Aelia Gentia*, *Aelia Sentia*, *Aelia Fufia Caninia*, tinham por objetivo restringir qualquer forma de equiparar o *status* dos libertos àqueles dos homens livres.

<sup>10</sup>Outro estudo que auxilia na compreensão da trajetória socioeconômica do liberto na Antiguidade, ver: GUARINELLO, N. L. *Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano*. Revista Brasileira de História, v. 26, p. 227-248, 2006.

repentino sentimento altruísta por parte de seu amo, mas, a fim de manter com este uma relação de *dom* e *contradom*, ou seja, de clientelismo<sup>11</sup>. As intenções deste sistema abordaremos mais adiante quando tratarmos do *peculium*. Porém, esta situação baseada no interesse da reciprocidade, “uma economia da dádiva”, a nosso ver, é frequentemente evidenciada ao longo do Alto Império romano. A este respeito Fábio Joly observa que:

*[...] os libertos aparecem na obra taciteana associados a escravos, clientes ou amigos do patrono. No entanto, pelo maior número de referências a libertos junto a escravos, já se pode inferir que Tácito os consideravam segundos critérios semelhantes. De fato, refere-se aos libertos como tendo um comportamento servil (Anais, 2, 12: libertorum servilia [...] ingenia) e, assim como no caso dos escravos o critério de valoração, positiva ou negativa, é a questão da lealdade (fides) (Anais, 13, 26-27; 44; 15, 54). (JOLY, 2003, p. 67).*

O liberto da Antiguidade romana é uma figura peculiar dentro daquela estratificação social. Nesta área de estudos, muitas hipóteses são discutidas, em destaque cito o texto de Paul Veyne, *Vie de Trimalcion*, no qual, o autor busca refutar as considerações de Mikhail Rostovtzeff, que sugere que os libertos formavam uma classe burguesa dentro do Império<sup>12</sup>. Os argumentos de Veyne baseavam-se na impossibilidade de atribuir aos libertos uma dada colocação social que poderíamos outorgar de classe:

*Ni un parvenu, ni un capitaliste, ni un bourgeois: ces catégories anachroniques aboutissent à estomper ce que la réalité de l'époque avait d'original. La vie de Trimalcion est caractéristique de cette réalité, même quand Pétrone pousse le réalisme typique jusqu'à la caricature ; Trimalcion résume ou reflète son temps, si on le replace dans le système de possibilités et d'impossibilités à travers lequel il a dû se frayer son chemin. (VEYNE, 1961: 214).*

Claudiomar dos Reis Gonçalves, em seu texto, *Classe e cultura no alto império romano: os libertos de Paul Veyne*<sup>13</sup>, apresenta um discurso crítico a respeito dos estudos de Veyne, no qual, segundo o autor as observações de Veyne deixam transparecer erros conceituais nas análises da fonte (*cena trimalchionis*). As observações de Gonçalves perante

<sup>11</sup>O sociólogo e antropólogo Marcel Mauss desenvolveu essa teoria em sua obra, *Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*, publicada em 1925. Cabe observar que seus estudos tinham como foco sociedades consideradas “primitivas”, em especial no sudeste asiático e nas Américas. Todavia, também aborda tais relações nas sociedades antigas da Grécia e de Roma.

<sup>12</sup>Sobre as observações quanto à taxonomia social da Antiguidade proposta por Rostovtzeff, ver: ROSTOVTZEFF, M. *Historia Social y Economica del Imperio Romano*, Madri: Espada-Calpe, 1937.

<sup>13</sup>GONÇALVES, C. R. *Classe e Cultura no Alto Império Romano: os Libertos de Paul Veyne*. Boletim do Centro de Pensamento Antigo, Campinas, v. 5/6, p. 235-256, 1998.

Veyne, e deste para com Rostovtzeff, demonstram que há um impasse sobre a definição de classe para o mundo antigo, principalmente quando o objeto de estudo são os libertos. Finley, tributário de conceitos econômicos da Antiguidade de Max Weber e Johannes Hasebroeck<sup>14</sup>, elege a definição de *status*<sup>15</sup> como elemento ordenador na segmentação social em detrimento da ideia de classe. Uma interessante contribuição para a discussão é a elaborada por Fábio Faversani, que em seu artigo, *Trimalchio, classe social e estamento*<sup>16</sup>, discute as dificuldades, ou as impossibilidades, de se realizar uma análise a partir dos conceitos de classe e estamento que possam apresentar uma taxonomia social. Diante desta problemática o autor oferece uma alternativa baseada na ideia de relações de poder:

*Assim, surge como promissora uma perspectiva de análise fundada nas relações diretas de poder (GARNSEY & SALLER, 1987, pp. 148-159) que propiciaria, por um lado, possíveis soluções às críticas levantadas ao conceito de classe e, por outro, garantiria, se empregada de uma forma múltipla, pensada como redes de relações, ao invés de forma binomial, a criação de grupos sociais que garantissem as categorias analíticas necessárias à compreensão das ações coletivas. (FAVERSANI, 1996: 16).*

---

<sup>14</sup>Tais pensadores juntamente com Karl Polanyi formaram a base do paradigma *primitivista-substantivista*. Este modelo de análise da economia da Antiguidade objetiva discutir questões econômicas imbricadas com a política e cultura das sociedades antigas, a partir do pensamento de Karl Bucher, porém com considerações próprias destes pesquisadores. A esse respeito ver: CARVALHO, Alexandre, G. *Historiografia e Paradigmas: A Tradição Primitivista- Substantivista e a Grécia Antiga*. Rio de Janeiro. 2007. Tese (doutoramento em história social – Universidade Federal Fluminense); e: PALMEIRAS, Miguel Soares. *Moses Finley e a “economia antiga”*: A produção social de uma inovação historiográfica. São Paulo. 2007. Tese (doutoramento em história – Universidade de São Paulo). Observamos que o citado paradigma é resultado da busca da superação de um debate historiográfico a respeito da economia antiga presente no final do século XIX e início do XX, essa disputa fora intitulada posteriormente por seus analistas como a controvérsia “*primitivista*” versus “*modernistas*”. A respeito do *primitivismo* e do *modernismo* na economia antiga ver respectivamente: BÜCHER, Karl. *Industrial Evolution*. 3th ed. New York, NY: Holt.1927; e MEYER, Eduard. *El historiador y la historia antigua*. Mexico/Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1955. Uma abordagem recente sobre o tema em que podemos observar algumas críticas as concepções de Finley, como também perspectivas sobre os estudos da economia antiga é a obra organizada por Carvalho, *A Economia Antiga: Historia e Historiografia*. Vitória da Conquista: UESEB 2011.

<sup>15</sup>FINLEY, M. I. *A economia antiga*, Porto, Afrontamento. 1980. p. 43-80.

<sup>16</sup>FAVERSANI, F. *Trimalchio, classe social e estamento*. Revista de História (USP), São Paulo, v. 134, p. 7-18, 1996. Esta ideia também está presente em seu livro fruto de sua dissertação de mestrado: FAVERSANI, Fábio. *A pobreza no Satirion, de Petronio*. Ouro Preto, Editora UFOP, 1998. p. 52-78.

Guarinello, por sua vez, em *Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano*, observa como (2006: 227) “[...] *limbo social*<sup>17</sup> [...]” o lugar ocupado pelos libertos do alto Império romano.

Constamos que, perante a historiografia, o impasse persiste, o que demanda estudos que possam contribuir para este assunto, tais como, discutir questões que ajudem a compreender a percepção dos libertos ante a sociedade; a existência, ou não, de mobilidade por parte dos libertos nesta estratificação social; as relações de poderes nesta conjuntura. Podemos dimensionar, a partir das colocações supracitadas, que há no campo historiográfico um acirrado debate a respeito da organização social dos povos da Antiguidade. Neste campo de múltiplas ideias em que as controvérsias se impõem em torno da representação do liberto no mundo antigo é que pretendemos fomentar nossa pesquisa, com o objetivo de contribuir para o debate já posto, a partir da inserção dos libertos nas dinâmicas socioeconômicas daquele período.

Em virtude dos textos aqui estudados e em fontes do período, constatamos o quanto estes sujeitos, os libertos, têm importância no corpo social, em especial em questões de interesses econômicos. A obra *Satyricon* em seu trecho a *cena trimalchionis*, oferece-nos um bom exemplo da importância do manumitido nestes campos (social e econômico) a partir da descrição da fortuna do ex-escravo Trimalchio:

*Ipsa Trimalchio fundos habet, quantum milui uolant, nummorum nummos. Argentum in ostiarii illius cella plus iacet, quam quisquam in fortunis habet. Familia uero – babae babae! Non mehercules puto decumam partem esse quae dominum suum nouerit. (PÉTRONE, XXXVII)*<sup>18</sup>.

<sup>17</sup>“O liberto situava-se numa zona de fronteira entre a escravidão e a liberdade, uma espécie de limbo, uma área da qual as classificações habituais não davam conta. O liberto era essencial para a normalidade romana, mas, em certo sentido, era também uma perturbação do normal” In: GUARINELLO, N. L. *Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano*. Revista Brasileira de História, v. 26, p. 227-248, 2006.

<sup>18</sup>Tradução para o francês por Alfred ERNOUT: *Pour Trimalcion, ses bien fonds s’étendent aussi loin que vol d’un milan, sans compter les écus de ses écus. Il y a plus d’argenterie serrée dans la loge de son portier que personne n’en a dans son patrimoine.*

*Quant à ses esclaves – ho! là là! – je crois bien par Hercule qu’il n’y en a pas Le dixième qui connaisse son maître.* PÉTRONE. *Le Satiricon*. 14. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2009. (Texte établi et traduit par Alfred Ernout). p. 33. As demais traduções dos excertos exposto em latim neste texto estão disponível na obra citada nesta nota.

Podemos concluir, a partir das evidências presentes ao longo da obra, que o liberto em questão adquiriu sua suntuosa riqueza a partir do comércio e da usura (PÉTRONE, LXXVI)<sup>19</sup>. Era comum no período tratado o senhor celebrar com seu servo uma espécie de “contrato”, o *peculium*, no qual o primeiro dividiria parte do lucro obtido pelo segundo em atividades, como, por exemplo, o comércio. Com esses provimentos o escravo podia, dentro do combinado, comprar a sua liberdade. A este respeito Finley acrescenta:

*[...] a lei romana manteve a ficção de que o peculium era de propriedade e responsabilidade do senhor, mas desenvolveu uma série complexa, e por vezes confusa, de regras sobre a situação de facto: era o escravo que possuía e administrava o peculium, era ele que acumulava créditos e débitos do senhor. (1991: 106). (grifos do autor)*

O que podemos desprender destas observações é que os libertos estavam inseridos em uma rede de relações de poder, na qual, eles não ditam as regras, posto a sua representação política. Logo, submetidos aos interesses de outrem, geralmente seus ex-senhores, mesmo quando bem sucedidos materialmente. Essa lógica imperava em praticamente toda a estrutura da sociedade romana, tanto na aristocracia como no próprio governo, que confiava demandas fiscais a esses fieis “vassalos” (ROSTOVTZEFF, 1964: 200)<sup>20</sup>.

O que pretendemos deixar evidenciado é que o estatuto de liberto apresenta em si uma ambiguidade: por um lado proporciona uma liberdade ao ser que o adquiri, por outro, uma gama de restrições, às quais, os homens livres não estão sujeito. Este homem alforriado deixa

<sup>19</sup>No capítulo LXXVI Trimalchio relata como adquiriu sua fortuna, ele revela aos convidados de seu jantar que ao longo de sua vida de escravo satisfazia sexualmente seus patrões, tornando-se assim um favorito destes, e que com a morte de seu patrão herdou seus bens. No entanto, cabe destacar que ele habilmente aumentou sua fortuna a partir do comércio e da usura. Convém observar a importância que os libertos davam às questões financeiras, posto que esta era um meio de diminuir as diferenças sociais perante a população livre no Império romano. Jean Andreau em, *IV<sup>e</sup> D'argent: La Vie Financière Dans Le Monde Romain: Les Métiers de Manieurs siècle av. J.-C. – III<sup>e</sup> siècle ap. J.-C.*, observa no capítulo VI, *Les Mummularii dans les Littéraires et Jurisconsultes*, a partir de um trecho do Satyricon (LVI), expõem a valorização (na visão de Trimalchio) da profissão de contador/banqueiro dentro daquela hierarquia social. p. 185.

<sup>20</sup>A esse respeito Rostovtzeff destaca: “No reinado de Cláudio, os libertos constituíam o serviço público que administrava o império, e a crescente importância desses funcionários era uma consequência natural do controle exercido pelo imperador sobre os assuntos públicos. Da mesma forma, a influência pessoal do governante sobre tais assuntos tendia a concentrar a administração das finanças em suas mãos, ou nas mãos dos funcionários, cavaleiros ou libertos”. Fabio Joly baseado nos textos Tácito (*Anais*) descreve a relação de lealdade (*fides*) que o liberto deveria ter com seu ex-senhor. Ver: JOLY, Fábio Duarte. *A escravidão romana em perspectiva sincrônica: Escravos e Libertos sob o Principado de Nero*. POLITEIA: Hist, e Soc., Vitória da Conquista, v3, n. 1, p.63-83, 2003.

de ser servo, porém, terá que manter uma relação de submissão para com o seu ex-senhor, caso contrário, será estigmatizado pela sociedade como um liberto ingrato (VEYNE, 1996: 96). Ou seja, a liberdade não é sinônimo de autonomia. Outro ponto importante é o fato de que estes libertos não estão inseridos em um grupo<sup>21</sup> dentro da sociedade, ele ao mesmo tempo é um pária, como, também, é um sujeito de extrema importância na estrutura social. Cabe destacar que um fator que impedia a estruturação social em forma de um grupo homogêneo estava no fato de que os libertos não podiam legar gerações subsequentes, posto que os filhos dos libertos tinham juridicamente um estatuto social distinto, eram considerados como livres<sup>22</sup>.

A representação dessas ambiguidades e de toda complexidade que envolve a figura dos libertos pode ser averiguada na obra *Satyricon*, que descreve as aventuras e desventuras de uma dupla de vigaristas, Encopios (personagem narrador da história) e Ascyltos (depois Evmolpos), e o servo Giton. A narrativa, apesar de se tratar de uma ficção, aborda elementos que estudiosos do período (em especial historiadores) acreditam ser contemporâneos à época de sua feitura<sup>23</sup>; um “retrato” da sociedade, mesmo que caricaturizado, mas que permite vislumbrar uma ideia de como era a situação social dos grupos “subalternos” da sociedade romana. No que concerne à ética e à psicologia daquele período, Finley nos oferece argumentos pertinentes para a compreensão destes, tomando como exemplo o caso de Trimalchio, visto que para este a “[...] riqueza era uma necessidade e era boa [...]” (1980: 44); o historiador tempos depois destacou em outro estudo sobre a escravidão, imperativos éticos e psicológicos a respeito da sexualidade na Antiguidade, observando que, “*Trimalção*

---

<sup>21</sup>Usamos o termo grupo visto a dificuldade de classificar, ou segmentar a sociedade romana do período tratado, ao menos neste momento de nossa pesquisa. Ainda há um debate dentro da própria historiografia, entre a utilização dos termos classes e estamentos. A respeito desta discussão ver: FAVERSANI, Fábio. *A pobreza no Satiricon, de Petronio*. Ouro Preto, Editora UFOP, 1998. p. 52-62.

<sup>22</sup>VEYNE, Paul. “O Império Romano”. In: \_\_\_\_\_ (org.) *História da Vida Privada. I. Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 94. Maiores informações sobre o assunto estão presentes no Digesto de Justiniano em D.1.5.2 e D.1.5.3.

<sup>23</sup>Finley, a partir da análise da personagem Trimalchio, identifica uma série de fatores próprios da situação dos libertos. No campo da ética ele retrata a submissão do liberto para com seu senhor. O historiador também destaca a relevância do ex-escravo na área da economia. Ambas as análises podem ser vistas respectivamente em: FINLEY, M.I. *Escravidão antiga e ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Graal, 1991. p. 100 ; e FINLEY, M. I. *A economia antiga*, Porto, Afrontamento. 1980. p. 44.

*pode ter sido uma personagem de ficção, mas refletia o mundo real em suas lembranças [...]*” (1991: 100); cabe ressaltar que o liberto em questão foi abusado sexualmente por seus senhores, e que o mesmo também se satisfazia, quando senhor, com seus escravos<sup>24</sup>, refletindo, desta forma, um costume a eles contemporâneo. Mediante o exposto acima, fica evidente que a História, por si só, não nos oferece subsídio para que possamos encontrar respostas às nossas indagações, neste sentido, a fim de corroborar com os objetivos deste estudo faz-se necessário o auxílio de outras áreas do conhecimento<sup>25</sup>.

Pudemos aferir até o presente momento a complexidade da figura do liberto ante a sociedade romana do Alto Império. Esta percepção reforça o argumento de que o estudo sobre o assunto ainda pode oferecer substanciais contribuições para a historiografia. Os argumentos até então apresentados nos oferecem indícios da possibilidade de analisar e refletir sobre a sociedade romana no contexto do Principado a partir de documentos em que os não privilegiados socialmente apresentem-se como sujeitos históricos. É neste sentido que a obra *Satyricon* tem a sua pertinência como fonte principal para a análise deste projeto, que busca fornecer respostas que elucidem questões como: Existe um lugar específico dos libertos na estrutura social no Alto Império romano? O que os libertos no Alto Império romano procuram ascender: estabilidade econômica ou o prestígio social? Visto a impossibilidade de mobilidade social dos libertos, quais mecanismos de luta são operacionalizados por estes, a fim de, galgar um *status* social de prestígio? Esperamos que ao longo desta dissertação possamos encontrar respostas satisfatórias para as nossas perguntas, como também, apontar para eventuais problemáticas, as quais, a historiografia pouco tenha contribuído.

### Referências Bibliográficas

---

<sup>24</sup>Em um trecho no capítulo LXXIV do *Satyricon* Trimalchio agarra um de seus serviçais a passa a beija-lo demoradamente. Pela mesma situação passa o servo Giton ao longo da obra.

<sup>25</sup>De estudos significativos elaborados em outros campos do conhecimento que não a História podemos citar: AUERBACH, Erich. *Mimeses: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, Perspectiva, 2007; e: LEÃO, Delfim Ferreira, “*Trimalquião à luz dos Caracteres de Teofrasto*,” *Humanitas* (Coimbra) 49 (1997) 147-167.

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. Trad. Telma Costa. Ed. 3ª. Porto: Afrontamento, 1989.

ANDREAU, J. *La vie financière dans le monde romain: les métiers de manieurs d'argent : IV<sup>e</sup> siècle av. J.-C. – III<sup>e</sup> siècle ap. J.-C.*, EFR, Rome, 1987.

AUERBACH, Erich. *Mimeses: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, Perspectiva, 2007.

CARVALHO, Alexandre, G. *Historiografia e Paradigmas: A Tradição Primitivista-Substantivista e a Grécia Antiga*. Rio de Janeiro. 2007. Tese (doutoramento em história social – Universidade Federal Fluminense).

\_\_\_\_\_, Alexandre. G. (org.). *A Economia Antiga: História e Historiografia*. Vitória da Conquista: UESB. 2011.

CANFORA. L. “*Antiquisants et marxisme*”. *Dialogues d'histoire ancienne*, Vol. 7, 1981. pp. 429-436.

CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Ângelo de Oliva Neto, São Paulo: Edusp. 1996.

DIGESTO DE JUSTINIANO, *Liber Primus*: Introdução ao Direito Romano, 3ª ed, Edição bilíngue: Latim-Português. Tradução: Hécio M. F. Madeira. Editora Revista dos Tribunais, Osasco SP, 2005.

FAVERSANI, Fábio. *A pobreza no Satiricon, de Petrônio*. Ouro Preto, Editora UFOP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Trimalchio, classe social e estamento*. *Revista de História (USP)*, São Paulo, v. 134, p. 7-18, 1996.

FINLEY, M. I. *A economia antiga*, Porto, Afrontamento. 1980.

\_\_\_\_\_. *Usos e Abuso da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *Escravidão antiga e ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Graal, 1991.

\_\_\_\_\_. *História antiga: testemunhos e modelos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FUNARI, P. P. A. *Linguística e Arqueologia*. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), São Paulo, v. 15, n.1, p. 161-176, 1999.

GONÇALVES, C. R. *Classe e Cultura no Alto Império Romano: os Libertos de Paul Veyne*. Boletim do Centro de Pensamento Antigo, Campinas, v. 5/6, p. 235-256, 1998.

GUARINELLO, N. L. *A Economia Antiga e A Arqueologia Rural*. Clássica, São Paulo, v. 7/8, p. 271-283.

\_\_\_\_\_. *Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano*. Revista Brasileira de História, v. 26, p. 227-248, 2006.

JOLY, Fábio Duarte. *A escravidão romana em perspectiva sincrônica: Escravos e Libertos sob o Principado de Nero*. POLITEIA: Hist, e Soc., Vitória da Conquista, v3, n. 1, p.63-83, 2003.

LEÃO, Delfim Ferreira, “*Trimalquião à luz dos Caracteres de Teofrasto*,”. Humanitas (Coimbra) 49 (1997) 147-167.

LE GOFF, J. (ed.), *La nouvelle histoire*, Paris, 1978; J. Le Goff, P. Nora (ed.), *Faire de l'histoire*, Paris, 1974, 3v.

MAUSS, M. 1974 [1923-24]. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In : \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*.v. II. São Paulo : Edusp.

PALMEIRAS, Miguel Soares. *Moses Finley e a “economia antiga”*: A produção social de uma inovação historiográfica. São Paulo. 2007. Tese (doutoramento em história – Universidade de São Paulo).

PETRÔNIO. *Satíricon*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. [traduzido por Cláudio Aquati].

PÉTRONE. *Le Satiricon*. Texte e établi et traduit par Alfred Ernout. 14. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

ROSTOVTZEFF, M. *Historia Social y Economica del Imperio Romano*, Madri: Espada-Calpe, 1937.

\_\_\_\_\_. *História de Roma*. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.

TACITO, Cornélio. *Annales*. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

VEYNE, Paul. “O Império Romano”. In. \_\_\_\_\_ (org.) *História da Vida Privada. I. Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. “Vie de Trimalcion”. *Annales E. S. C.* , 1961, 2, p. 213-247.